



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do encontro empresarial Brasil-Jordânia

Amã-Jordânia, 18 de março de 2010

Meu caro amigo Samir Rifai, primeiro-ministro da Jordânia,

Meu caro amigo Imad Fakhoury, ministro do Desenvolvimento do Setor Público e de Megaprojetos da Jordânia,

Senhor (incompreensível) Bassem, ministro do Planejamento e Cooperação Internacional, na pessoa de quem saúdo os demais ministros e autoridades da Jordânia,

Meu caro companheiro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil,

Meu caro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Senhores embaixadores,

Senhor (incompreensível), presidente do Conselho de Investimento da Jordânia,

Senhor Salim Schahin, presidente da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira,

Senhoras e senhores empresários,

Amigos e amigas brasileiros e jordanianos,

Empresários iraquianos,

Ser o primeiro presidente do Brasil a visitar a Jordânia é, para mim, uma honra extraordinária. Venho a Amã selar a parceria que lançamos quando o rei Abdullah II fez sua viagem pioneira ao Brasil, em 2008.

Essa é uma aliança entre dois povos. Responde aos anseios de uma comunidade de mais de dez milhões de imigrantes árabes e seus descendentes. Fizeram do Brasil uma segunda pátria, deixando sua marca em



nossas artes, negócios, cultura, política, medicina e culinária.

Estreitar os laços com os países árabes tem sido uma prioridade de meu governo. Nossas trocas saltaram de US\$ 8 bilhões, em 2004, para mais de US\$ 20 bilhões em 2008, um aumento de 150% em quatro anos.

Queremos que a Jordânia seja um aliado privilegiado do Brasil nessa estratégia. O seminário que estamos encerrando oferece oportunidade excepcional para os líderes do mundo empresarial de nossos países.

Senhoras e senhores empresários,

Nossa parceria se assenta em números sólidos. Desde o início de meu governo, nosso comércio multiplicou-se por dez, chegando, em 2008, a quase US\$ 300 milhões. As projeções de crescimento para nossas economias nos próximos anos são muito animadoras. Sou, portanto, otimista de que nossas trocas continuarão se expandindo de forma acelerada. Mais intercâmbio e mais investimentos, eis nossa resposta à crise internacional e à ameaça do protecionismo.

Por isso, é fundamental avançarmos na negociação de um acordo de livre comércio entre o Mercosul e a Jordânia. Consolidando espaços econômicos integrados, estaremos somando forças para reverter a desaceleração global.

Essa será uma prioridade do Brasil à frente da Presidência *Pro Tempore* do Mercosul, no segundo semestre de 2010. Com flexibilidade e espírito pragmático, podemos ampliar o acesso a mercados de bens e serviços, respeitando as sensibilidades de lado a lado.

Não teremos êxito nessa empreitada sem o engajamento do setor privado. Saúdo, portanto, a vinda a Amã de missão empresarial da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, em novembro passado, para explorar novas estratégias e multiplicar negócios.

Os governos estão fazendo sua parte ao lançar as bases para iniciativas inovadoras de cooperação em setores de grande potencial. Podemos replicar



aqui a revolução que a Embrapa, a nossa empresa de pesquisa agropecuária, promoveu na agricultura do semiárido brasileiro. Nosso foco é a inovação tecnológica, que promove ganhos de produtividade e de rentabilidade.

A modernização da agricultura brasileira tem muito a ver com outra revolução que a Jordânia quer liderar no Oriente Médio – a das energias renováveis. A diversificação de sua matriz abre oportunidades para compartilharmos a experiência do Brasil com os biocombustíveis. Podemos ajudar a Jordânia a encontrar soluções tecnológicas limpas e sustentáveis, ao mesmo tempo em que o país reduz a dependência da importação de combustíveis fósseis.

Empresas brasileiras, como a Embraer e a Sadia, já descobriram o potencial deste mercado. Estou certo de que outros investimentos virão, atraídos por sua localização geográfica privilegiada. Por isso, vemos com otimismo o engajamento da Jordânia no projeto de construção de canais ligando o Mar Vermelho e o Mar Mediterrâneo ao Mar Morto. Será passo decisivo para a integração do Oriente Médio, distribuindo água, comércio e prosperidade.

Na América do Sul, também estamos empenhados em construir um espaço econômico integrado capaz de multiplicar as potencialidades de uma região rica em recursos e diversidade.

É com essa confiança que estamos organizando a Conferência Econômica da Diáspora Palestina, em São Paulo, em julho do próximo ano. Queremos atrair investimentos para reconstruir a Palestina, o que beneficiará toda a economia regional.

Senhoras e senhores,

Por isso, termino aqui minha viagem ao Oriente Médio. A Jordânia é um sócio indispensável na busca da paz. Todos os olhos se voltam para Amã em busca de palavras de autoridade e moderação. A corajosa liderança do rei Abdullah na busca do diálogo nos inspira a acreditar no entendimento entre



nações.

Por isso, queremos uma América do Sul cada vez mais próxima dos Países Árabes. Nas Cúpulas América do Sul-Países Árabes, de 2005 e 2009, aproximamos duas regiões que precisam se conhecer melhor. De forma pioneira, estamos unindo nossas vozes na defesa de uma nova ordem internacional, mais democrática e equilibrada.

Queremos a Jordânia como interlocutor privilegiado nesse diálogo. Somos continentes separados pela história e pela geografia, mas unidos na determinação de moldar um destino comum. Essa visão motiva o Brasil a sediar o 3º Fórum Mundial da Aliança das Civilizações, em maio deste ano, no Rio de Janeiro. A contribuição da Jordânia nesse fórum é indispensável.

São essas as perspectivas e as esperanças que nos unem. É, portanto, com grande otimismo e confiança que desejo a todos vocês bons negócios.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu realmente preciso da paciência da delegação brasileira, que já quer retornar ao Brasil, e da paciência dos empresários jordanianos para mais um minutinho de conversa com vocês. Queria pedir ao intérprete, ao Sérgio Ferreira, que tivesse paciência. Prometo lhe dar um suco de laranja no avião, para recuperar a sua voz.

Esta visita minha à Jordânia já faz parte de um comportamento do Brasil desde que assumi a Presidência da República, em janeiro de 2003. Eu me convenci de que era possível mudar a geografia comercial do mundo, construir novos atores para o comércio mundial, se a gente deixasse de fazer a mesma coisa que habitualmente fazíamos.

E tomei como decisão diversificar as relações comerciais com o Brasil e com o mundo. Eu queria lembrar que em 2004 eu fui a Dubai. Em Dubai fizemos uma pequena feira, e gastamos US\$ 500 mil para realizar uma feira. Qual não foi minha surpresa que alguns fizeram críticas pelo fato de eu ter gasto US\$ 500 mil em uma feira e nunca tiveram a curiosidade de perguntar



quanto nós tínhamos vendido naquela feira.

O dado concreto e objetivo é que os mesmos que criticaram a minha ida ao Mundo Árabe – e eu visitei... antes da Jordânia eu visitei, praticamente, nove países –, criticaram quando eu fui para a África. Diziam: “O que o Presidente do Brasil está fazendo na África? O Presidente do Brasil deveria estar nos Estados Unidos, deveria estar na Europa”. Porque era assim que nós estávamos habituados a fazer. Não éramos nós que tomávamos as decisões daquilo que nós queríamos fazer. Nós ficávamos subordinados à chamada matriz do desenvolvimento econômico, e que era quem conduzia os nossos interesses. Nós sequer olhávamos para a América do Sul com o olhar de um país que tem mais tecnologia, mais economia, mais indústria e que, portanto, poderia ter uma ascensão na relação comercial. O Brasil estava de costas para a América do Sul, mesmo tendo fronteira com quase todos os países, menos com o Equador e com o Chile. Nós tomamos a decisão de priorizar a nossa relação com o Mercosul.

O que aconteceu de lá para cá? Os empresários brasileiros devem ser testemunhas disso. Até aquela ocasião, o Brasil tinha uma balança comercial que mais ou menos se equiparava em 30% com a União Europeia e 28%, mais ou menos, com os Estados Unidos. Nesses anos todos, embora tenha crescido, em média, 20% ao ano a nossa balança comercial com a Europa e com os Estados Unidos, a verdade é que hoje, na balança global, os Estados Unidos e a Europa representam, cada um, no máximo 13% ou 14%. Ou seja, quando veio a crise econômica, nós não estávamos dependentes das duas economias que mais sofreram o baque da crise econômica, que foram os Estados Unidos e que foi a União Europeia, que até agora não se encontraram e que até agora não sabem quando vão resolver os seus problemas.

E essa diversificação feita pelo Brasil fez com que nós fizéssemos muitas viagens. Só para a [na] África, eu já visitei mais de 20 países, e cada viagem é um grupo de empresários: às vezes eram 20, às vezes eram 30, às



vezes eram 40. Porque nós estávamos habituados a viajar para Paris. Para Paris eu lotaria um avião, se quisesse. Para Nova Iorque, então, eu lotaria três aviões, se quisesse. Embora os nossos empresários soubessem que as nossas dificuldades de colocar determinados produtos brasileiros nesses países ricos é muito difícil.

E eu dizia sempre: o Brasil deveria agir como se fosse um mascate, aquele vendedor de rua que nós, carinhosamente, chamávamos de “turco” na década de 50, no Brasil. O Salim deveria ser tratado como “turco” naquele tempo, o Salim deveria ser tratado. Aqui tem muita gente com cara de turco. Você coloca um monte de peças de pano embaixo do braço e sai de casa em casa, batendo palmas e vendendo. Ninguém vai vender... um mascate não vai à Avenida Paulista, ele não vai ao Morumbi, ele não vai às ruas dos ricos. Ele vai à periferia, onde o pobre pode comprar para pagar em suaves 12 prestações, 24 prestações ou mais.

Eu achava que o Brasil tinha que ser assim. Que a gente, embora mantivesse a nossa relação de amizade com os países ricos, que nós deveríamos abrir novos espaços. E cá estamos nós na Jordânia, um país importante, muito importante, e que é a primeira vez que um presidente da República do Brasil vem aqui. Dom Pedro também não veio aqui. Dom Pedro parou em Israel ou no Líbano com o nosso imperador, isso em 1847 e 1876.

Ora, cá estamos nós, ainda poucos empresários brasileiros, 50 empresários brasileiros, alguns grandes empresários brasileiros. Mas antes era difícil até fazer um ministro viajar para um país que não fosse os tradicionais.

E aqui nós descobrimos oportunidades extraordinárias. O Brasil tem tecnologia, o Brasil tem empresas, o Brasil tem financiamento e o Brasil tem experiência em fazer quantos canais a Jordânia quiser fazer. O Brasil tem experiência, tecnologia, tem energia renovável. O Brasil tem experiência de recuperação das ferrovias brasileiras e o Brasil tem experiência de como fazer uma economia crescer, distribuindo renda para as camadas mais pobres da



população.

O sucesso da economia brasileira, meu caro Primeiro-Ministro, se deve a dois fatores fundamentais. Primeiro, crédito e financiamento. Nós éramos uma economia capitalista sem capital. Não tínhamos financiamento e não tínhamos crédito, e tínhamos uma faixa muito pequena de consumidores. Quando nós tomamos a decisão... E eu vou dar um dado aqui. Em março de 2003, quando assumi a Presidência do meu Brasil... do meu país, em janeiro, todo o crédito disponibilizado no Brasil, todo o crédito era de R\$ 380 bilhões. Hoje o nosso crédito já é de R\$ 1 trilhão e 410 bilhões. Aliás, hoje, somente um banco público chamado Banco do Brasil tem todo o crédito disponibilizado que o Brasil tinha em 2003.

Mas o que fez o nosso país crescer foi a distribuição de renda, foi elevar 30 milhões de brasileiros para a classe média, tirando-os das classes D e E, foi aumentar a renda das pessoas mais baixas [das classes mais baixas], que permitiu que elas tivessem poder de consumo.

É extraordinário quando a gente analisa as pesquisas hoje e vê que na parte mais pobre do Brasil as pessoas estão consumindo mais alimentos e material de limpeza do que a parte rica do Sul do País. Isso porque as pessoas tiveram contato com o dinheiro, com a renda, e as pessoas, então, começaram a comprar aquilo que é essencial para a sua sobrevivência.

O que nós fizemos para o Brasil vale para qualquer país do mundo. E o mais importante é o que eu disse ao Primeiro-Ministro: não basta esta visita de cortesia que estamos fazendo aqui. É preciso que, a partir desta nossa visita, que mais empresários brasileiros venham para a Jordânia, que a Jordânia vá ao Brasil para descobrir as oportunidades, para descobrir possibilidades de parcerias, para descobrir possibilidades de *joint ventures* com empresas brasileiras, para investimentos aqui e investimentos lá.

Neste mundo globalizado, onde todo mundo disputa com todo mundo, não sobreviverá aquele que ficar sentado, esperando a oportunidade passar.



Nós temos que procurar as oportunidades.

E o Brasil é um país que oferece oportunidades, porque é a maior economia de um continente de praticamente 330 milhões de habitantes, de um PIB excepcional, e é um país que tem um poder de consumo muito importante. Mas, sobretudo porque é um país que tem uma base tecnológica. E a Jordânia é um país crucial aqui nesta região do mundo, um país de paz e um país que está procurando, cada vez mais, crescer e se desenvolver.

Então eu penso que nós, governantes, estamos fazendo parte da nossa parte. Agora, é preciso que o ímpeto de investidores que vocês têm, de descobridores que vocês têm, de negociadores que vocês têm faça o resto. Da parte do governo, o que nós poderemos é induzi-los, é fomentá-los e dizer para vocês: juntos, a Jordânia e o Brasil, nós temos que procurar os créditos necessários para que esses investimentos possam se concretizar.

E nós, acreditemos ou não, essa crise econômica foi, para nós, a mesma coisa que foi a queda do Muro de Berlim, ou seja, a queda do Muro de Berlim obrigou todo mundo a repensar a política. A crise econômica obrigou a gente a repensar e não ficar na mesmice em que a gente estava durante muito tempo, onde o FMI sabia tudo quando a crise era nos países pobres, mas não soube nada quando a crise foi nos países ricos; onde alguns bancos, todo santo dia, davam palpite sobre os países emergentes, e estavam quebrando e não sabiam da sua própria quebradeira.

E essa crise fez uma coisa maior: ela voltou a valorizar o papel do Estado. Não o Estado gerenciador ou o Estado estatista, o Estado empresarial, mas o Estado indutor e o Estado fiscalizador, porque se o Estado estivesse cumprindo a sua função, o *Lehman Brothers* não teria chegado à situação de falência a que chegou, os bancos americanos não teriam vendido ilusões como venderam durante muito tempo, sem produzir um único emprego e sem produzir um único produto. Se tivesse fiscalização, como tem no Brasil, certamente não teria acontecido.



Então, vamos aproveitar esse momento de tensão econômica que o mundo ainda vive e vamos fazer algo novo. Vamos aproximar Jordânia e Brasil, vamos descobrir o que cada um de nós pode oferecer para o outro, o que poderemos construir juntos para que a gente consiga criar um mundo mais solidário, mais fraterno e um mundo onde as pessoas possam viver com dignidade.

Eu quero dizer para vocês, meus amigos, que no Brasil nós vamos ter eleições no dia 3 de outubro deste ano. O meu mandato termina no dia 31 de dezembro, à meia-noite, mas posso assegurar para vocês: tem duas [três] coisas que nós fizemos e de que nós não iremos abrir mão. Primeiro, a manutenção da estabilidade econômica; segundo, o controle inflacionário; e terceiro, os investimentos públicos, porque sem eles é muito difícil qualquer país do mundo resolver o problema de infraestrutura. E nós temos consciência de que a estabilidade econômica, o controle da inflação, a política de investimento público e a distribuição de renda para as pessoas mais pobres são as quatro condições sem as quais nenhum país dará certo; são as quatro condições fundamentais para que os países emergentes continuem crescendo, gerando empregos e distribuindo renda.

Essa lição nós aprendemos no Brasil, e gostaria de convidar os jordanianos a participarem dessa experiência exitosa. Certamente vocês têm muito a aprender conosco e nós temos muito a aprender com vocês, e só vamos poder conhecer as nossas virtudes e os nossos defeitos se mais encontros como este forem feitos ao longo dos próximos anos.

Boa sorte, bons negócios e que Deus abençoe a todos.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
